

Universidade dos Batuqueiros e Batuqueiras Engajadas no Furdúncio.

Qual é o seu time no Espírito Santo?

O Enigmático Torcedor do Futebol Capixaba

ISBN 978-65-01-23934-7

José Augusto dos Anjos Araujo

Vitória ES / 1906 ~1959 ~ 2024

Ladies First



Estádio Kléber Andrade. A Casa da Torcida Capixaba

Escusas

Estranho começar uma obra com justificativas, mas a ádvena não se apoia na razão e tudo fluiu na emoção mesmo, portanto livre de regras e convenções. Por esse motivo não há divisão de capítulos; a formatação é misturada (desenhos e tamanho das letras, em sua maioria para realçar, ou para caber na página mesmo – 98% das fotos roubartilhadas de tudo quanto é feira livre ...); “do nada” aparecem desvios para contextualizar com a história de cidades do Espírito Santo onde os fatos são narrados; abundam profusões, letras de músicas e devaneios; foram “inseridos” termos inexistentes na língua culta; surgem “por aproximação” palavras do dialeto capixabês – tanto no débito quanto no crédito; há uma infinidade de gargalhadas e risos (pois realmente me diverti muita na produção muito embora isso seja totalmente censurável); algumas coisas parecem repetidas mas se formos observar bem, outros contextos estão acrescidos como papos do facebook ou mantidos para não alterar os textos originais, ou são revividos mesmo e também contrariando as boas normas quase tudo é narrado na primeira pessoa pois em boa parte dos “causos” expostos eu fui testemunha mesmo e essas histórias não poderiam se perder ou ficarem restritas a papos de botequim que submergem depois de passada a ressaca. Outra motivação foi que os próprios amigos e amigas ao elogiarem alguns textos relativos ao nosso futebol diziam: por que você não faz um livro? Missão dada comecei a matutar ... material não faltava ...

Quanto às fontes eu segui as normas acadêmicas citando-as rigorosamente, mas sendo públicos não pedi autorização, exceto alguns textos e fotos mais sensíveis sobre os quais consultei os autores e estes além de acederem ainda incentivaram que se publicasse. Portanto se alguém não concordar com alguma coisa é só avisar que eu retiro ou corrijo para a próxima edição. Minha editora permite tais alterações numa boa desde que mantido o número de páginas.

A ideia inicial era publicar em preto e branco para baratear o custo final haja visto que meu 1º livro (sobre o jogo de botões) ficou caríssimo tanto pelo formato maior (tamanho A4, como este), gigantesco com quase 500 páginas (este vai fechar com 215) e pelo papel, especial, pois não dá para mostrar os belos botões e acessórios em um papel que não permitiria que ficassem, como ficaram, perfeitos. Mas o que encareceu mesmo foi a impressão colorida. Então, neste exato momento – manhã do dia 13 de novembro de 2024 – fazendo a revisão final e vendo que está ficando uma “beleuza”, na dúvida vou fazer a 1ª Edição colorida mesmo ... se ficar caro eu compro um pra mim e depois lanço o Preto e Branco, “cértio”? ... ou posso publicar o colorido em outra editora ...

Como tem muita coisa só do Rio Branco por motivos explicados posteriormente; para “compensar,” a parte final aborda TODOS os municípios do estado, todos os seus cubes históricos profissionais e alguns amadores, sempre com ênfase nos torcedores apesar de ser uma tarefa árdua pois as fotos e relatos existentes (e raros) são sempre sobre os times. Quem tiver problemas com o RBAC, fuja!

100% dos brasileiros e brasileiras já chutaram uma bola mesmo que apenas uma única vez na vida. Quem prosseguiu no funil jogou, e evidentemente torceu, para o seu time de escola, time de bairro ou time da família, não necessariamente nessa ordem. Desde que pelo menos uma vez na vida tenha brincado e mesmo sendo uma rara pessoa que não gosta de futebol (a não ser alguns jogos de uma Copa ou outra pela Seleção) essa pessoa que não torce para time nenhum dirá que jogou e vibrou com seu time da infância. Das peladas no quintal, na rua, na chuva, na fazenda ou numa varandinha de Sapê ...

Daí que os que “sobraram”, que são milhões e milhões que só pensam naquilo, no caso o futebol, acabaram em algum momento de suas vidas adotando um time “pra chamar de seu”. Tem gente que só tem um, outros tem 2, outros tem um no estado onde moram outro no Rio e outro em São Paulo; ultimamente tem gente que tem o seu brasileiro e um gringo, espanhol, italiano, inglês ou alemão. E por aí vai... Tem os malucos como eu (18 times ou mais), mas se o time da família jogar contra o Rio Branco ela ficará em 2º plano. Nas derrotas dos 17 aplaudo o desempenho dos adversários, mas ganhar jogando mal ou mesmo roubado só com o Capa Preta.

Durante estes meses de preparação pensei o nome do livro e os espertinhos e espertinhas já perceberam que a inspiração vem da velha pegadinha que até hoje as pessoas caem ... Que Timeteu no Rio de Janeiro (ou quem qualquer lugar)? Se a pessoa olhar enfezada é porque entendeu ... Aí o perguntante dá uma melhorada. – Que time é o teu no Rio de Janeiro? E invariavelmente a pessoa responde ... Se não entendeu, a piada está pronta. – Eu só mineiro Uai, é galoouo !!! kkkk - Então para não ficar com um nome inconveniente ou intrigante, escolhemos >>> Qual é o seu time no ES? Os Enigmáticos Torcedores do Futebol Capixaba. <<<



JAAA no Parque Moscoso; 50 anos antes aí foi criado o Rio Branco / voando no campo da ETV em Jucutuquara / No Náutico Brasil

Torcedores de Clubes do Futebol Capixaba: Quem são eles e elas? Como vivem? O que comem? Quantos são? Quando surgiram? De que modo nadam contra o Tsunami Capirioca? Kkkkkk

Creio que os que me conhecem estão "carecas de saber" que eu sou meio avesso a redes sociais (no celular nem pensar, rsrs), mas há alguns anos comecei a tatear no Facebook para curtir, falar e postar sobre coisas que eu gosto como o Futebol Capixaba, Jogo de botões, História, fauna, flora, geografia, literatura, artes em geral do Estado do Espírito Santo e política, entre outros assuntos. Gosto da plataforma pois a considero mais adequada à pesquisa com textos longos e fotos aglutinadas com conteúdo específico ao contrário de outras com propósitos mais imediatistas. Mas, como tudo na vida, vai que um dia some tudo de uma hora pra outra? Rsrss - Por isso resolvi salvar minhas pesquisas e conversas nem sempre fiadas em um local apenas e como fiz especificamente com o tal *Jogo de Botões*, pretendo publicar em livro, só para garantir que não desapareçam para todo o sempre. - WhatsApp (trabalho e família), Instagram (chiques), X Twitter (afetados). Tik Tok(engraçadinhos), Telegram (abriga muitos loucos) e por aí afora não são a minha praia. Cada um na sua e não estou nem aí se o facebook como dizem é coisa de velho. Adoro meus velhinhos e velhinhas, kk.

Portanto, a ideia é ir resgatando os posts e com os luxuosos comentários das amigadas acressidos ... não tenho um roteiro definido mas vou tentar colocar inicialmente os mais antigos e especialmente algumas memórias de nossas andanças estado afora e em outros confrontos interestaduais para vermos "os meninos jogar" !!! As fontes principais serão exatamente duas páginas do Facebook que administramos: a Rio Branco Atlético Clube (de torcedores e ex-jogadores) e a Torcida Bola Branca Memorial (que criei para dar suporte) e sempre que possível da maneira como foram publicados os posts...O pouco que temos sobre nossos valorosos adversários também será contemplado ... "je promets"

vamos ver no que vai dar ... "O mundo sob o ponto de vista Capa Preta"

Conjecturando aqui com meus botões e voltando à minha infância e adolescência penso que normalmente as pessoas (assim que decidido assistir ao jogo) não vão aos estádios sozinhas, a não ser que não encontrem alguém da família, um vizinho de bairro ou um colega ou uma paquera que seja para dividir as alegrias ou tristezas, uma cervejinha ou um simples picolé. Aliás muitas amigadas começam ali naquele burburinho dos vendedores ambulantes, as pessoas chegando, as afinidades e tudo o mais antes de adentrar o estádio propriamente dito. Muita gente marca pelo telefone e fica por ali esperando a turma chegar. - Pow, já tô esperando há um tempão ... Vc é que chegou muito cedo; já comprou pelo menos o ingresso? Kkkkkkk / Tinha uns caras que levavam no Estádio Engenheiro Araripe uma pequena parafernália e um barril grande de Chopp e ficavam lá no Tobogã ... eles não vendiam, tomavam entre eles (era uma turma de Jardim América) mas o bar do clube grená reclamou e proibiram a festa. / Assim como a praia, um estádio de futebol é um daqueles raros espaços onde se exerce a democracia no Brasil, talvez até mais que em outros. / Acho que vou fazer outro livro só sobre os botecos ao redor dos estádios Espírito Santo afora. Rsrssrs

Vejo que quando as pessoas se programam para participar de algum evento ou situação é o embrião de alguma coisa organizada e daí para combinarem camisas iguais, chegarem juntos, levarem uma bandeira, papel picado, inventar um corinho etc. e tal é um pulo, não é mesmo? Algumas pessoas se sentem bem quando estão participando em conjunto de algo maior com algumas poucas dezenas ou mesmo milhares de auras dentro de um estádio ou um num simples campo de pelada* que seja, apenas para torcerem por uma agremiação que pratica o chamado "velho e rude esporte bretão". Até mesmo os indiferentes aos oponentes que estão jogando quando questionados sobre para qual time estão torcendo sempre escolherão um, por uma infundável combinação de motivos cujas razões a própria razão desconhece. Rsrssrs *Existem divergências quanto a origem do nome pelada. Alguns dizem que o termo pelada é originário de "pêla", assim chamada as bolas de couro ou borracha, palavra derivada do latim vulgar pilella (diminutivo de pila) que significa bola ou novelo de lã. Outros dizem que o termo se deve à ausência de grama no terreno onde costumam ser realizadas as partidas. Na Argentina e Uruguai é "Picadito". No Chile, Bolívia e Peru é "Pichanga"... e tem mais ... Chamusca, Birria, Potra e Megenga. Kkkkkk - Aqui na praia é Racha !!!!

Os carecas e as carecas também sabem que eu já nasci riobranquense e isto não é uma mera figura de linguagem posto que na fria e chuvosa noite de 23 de agosto de 1959 meu pai foi apresentado na maternidade com um charuto (guardado cuidadosamente em um armário no vestiário do "Bley") por um atleta alvinegro que assim que o jogo acabou correu para lá a fim de conhecer quem é que estava chegando na parada. Naquela época só se sabia se era menino ou menina lá na hora do vamos ver, **rsrsrs** - Ele havia marcado o 3º gol do Rio Branco (no Estádio Governador Bley) exatamente no horário {20h40min em que eu cheguei à Ilha de Vitória (Sta Casa na Vila Rubim)} e mal tomou banho pegou um carro de praça e rumou pra lá para espanto do meu pai que disse: rapaz, como é possível? ... na hora do gol (estava ouvindo no rádio), aos 37 do 2º tempo começou o trabalho de parto e foi tudo muito rápido



Meu saudoso Tio Nanau. Nos deixou em 2011



... Pois é meu cunhado, vim trazer o seu charuto para você se acalmar. **Kkkk** - O time venceu por 3 x 0 pela Taça Brasil o representante do estado do Rio (o Manufatora) e venceu também o jogo de volta no dia 30 em Niterói por 1 x 0, gol também dele (aos 40 do 2º tempo de pênalti **rsrsrs**). Era casado com minha tia, irmã de minha mãe. Seu nome era Egnaldo de Almeida, conhecido como Nanau que também jogou no Vitória e na Desportiva. Já o meu pai (Mauricio de Araujo) me levava desde os 4 anos no colo pra arquibancada e foi aí que tudo começou ... em Jucutuquara ... segundo relatos eu apontava com o dedo indicando que eu queria ficar lá em cima, perto da Charanga, **kkkkkkk**.

Meu pai sempre ligado em Música Sacra foi regente de coral e toca órgão e outros teclados; minha mãe tocava acordeom, então só as batidas do coração podem explicar meu apreço pelo samba ... e pelo rock ... e pelo blues ... e pelo chorinho ... jazz ... música erudita ... MPB e mais nada, **rsrs**



Paulo Cesar Ribeiro / Confundi o time, desculpe. O Fonseca era de Niterói.

José Augusto Anjos Araujo / Paulo Cesar Ribeiro Encontrei três jogos do RB contra o FONSECA pela Taça Brasil de 63 - 0 x 1, 3 x 0 e 3 x 3 onde o RB passou de fase quando também passou em 3 jogos contra o Vila Nova- GO sendo eliminado depois para o Atlético-MG.

Paulo Cesar Ribeiro / Correto, lembro, faço confusão com datas.76 anos.

José Augusto Anjos Araujo / Paulo Cesar Ribeiro Mas a memória está boa; lembrou do Fonseca e eu para encontrar vaguei bastante, **rsrsrsrsrs**

Jair Samuel Pereira Pereira / Nanau, tinha o apelido de Elvis Presley e completava também o ataque poderoso com Adilson, Beto Pretti e Roberto Sputinique, lembra? -

JAAA / Um torcedor "das antigas" me disse certa vez que o Nanau e o Nilson Flores foram os melhores atacantes que ele já viu; no Vitória FC

José Teodoro Ferreira Ferreira / Esse foi o RBAC q vi jogar em Colatina na década de 60

José Augusto Anjos Araujo / Sim. Jogos pelos 1ºs estaduais contra a UACEC, o Colatinense e o Vila Nova.

José Teodoro Ferreira Ferreira / Verdade era torcedor do UACEC



Da esquerda p/ direita, em pé: Evanil, Adilson, Foca, Rafael, Carlos Magno, Monte, Hélio, Reinaldo, Tarzan (massagista).
Agachados: Luiz Carlos, Onésimo, Enio, Carlinhos Gabirú, Nanau, Beto Pretti, Roberto, Goli.
Mascote: Filha do presidente Rui Martins

15 – 12 – 1957 Rio Branco 4 x 2 Cruzeiro em Belo Horizonte

sabem: formou no primeiro time da Desportiva que entrou em campo. Teve convites para jogar no Atlético-MG, mas nunca topou. Dizem de brincadeira que ele não aceitou pois não moraria longe da praia e do Parque Moscoso, rrsr

Antônio Carlos Viana Freire / Não esquecendo pra mim o melhor de todos foi o atacante BELO, kkkkk era o cara. Tive o prazer de ver o final de sua carreira no Vitória FC, e jogar uns 25 minutos em Colatina o jogo na festa da cidade entre o Vitória FC verso fluminense FC. Nos anos acho que foi 1965.

José Augusto Anjos Araujo / Belo foi um grande jogador lembrado até hoje, rrsrsr pela torcida do Cruzeiro. Explico, em 23/08/1960 - dia do meu aniversário de 1 ano, ele fez o gol da vitória do RB sobre o time mineiro no Estádio Independência na primeira participação do Cruzeiro em uma competição nacional. Era muito amigo do meu tio Nanau e jogaram juntos algumas vezes.

José Teodoro Ferreira Ferreira / Vi o Belo jogar no UACEC na década de 60 grande centroavante. Acho q encurtou a carreira dele foi pq gostava de tomar umas e outras

JAAA / Nanau jogou no Rio Branco, no Vitória e o que poucos

Bem, agora é que vai começar - depois de tanto egocentrismo, se bem que ele voltará, rrsrs - vamos tentar botar ordem na casa e arriscar desenvolver o tema.

Em um estudo dos especialistas Sartore Salles e Rocco Jr. da PUC-SP (2013) que aborda o universo das torcidas organizadas (pesquisa mais voltada para a atuação de seus membros nas redes sociais) eles deixam no ar a seguinte preposição: o ser (torcedor de um clube) ou o pertencer (a um grupo) como grande dilema desses indivíduos e concordam com muitos sociólogos que afirmam ser o futebol, em geral um espelho da vida social tanto em seus aspectos mais positivos, quanto negativos. Zygmunt Bauman (2003), ao analisar o conceito de comunidade, escreve: Como observou amargamente Eric Hobsbawn, 'a palavra comunidade nunca foi utilizada tão indiscriminadamente quanto nas décadas em que as comunidades no sentido sociológico se tornaram difíceis de encontrar na vida real. Homens e mulheres procuram grupos de que possam fazer parte, com certeza e para sempre, num mundo em que tudo o mais se desloca e muda, em que nada mais é certo'. [...]. 'Exatamente quando a comunidade entra em colapso, inventa-se a identidade'. [...]. E como observou Orlando Petterson (citado por Eric Hobsbawn), 'embora as pessoas tenham que escolher entre diferentes grupos de referência de identidade, sua escolha implica a forte crença de que quem escolhe não tem opção a não ser o grupo específico a que 'pertence' (BAUMAN, 2003, p. 196-197).

Assim, como elemento importante de nossa cultura, vivenciamos o futebol das mais variadas formas nos nossos momentos de lazer, seja na prática deste esporte através das peladas de rua ou em quadras e campos, rchas e bate-bolas, na leitura de notícias em jornais e ou pela internet, jogos de computador ou vídeo game e também na assistência despreziosa ou como torcedor de algum clube, seja em casa pela televisão ou indo aos estádios. Ser torcedor significa que se tem preferência por determinado clube e seu ato, o torcer, é explicado por Rosenfeld quando este autor aponta que: [...] torcer significa "virar, dobrar, encaracolar, entortar", etc. O "torcedor" designa, portanto, a condição daquele que, fazendo figa por um time, torce quase todos os membros, na apaixonada esperança de sua vitória. Com isso reproduz-se muito plasticamente a participação do espectador que 'co-atua' motoramente, de forma intensa, como se pudesse contribuir, com sua conduta aflita, para o sucesso de sua equipe, o que ele, enquanto torcida - como massa de fanáticos que berram -, realmente faz. (ROSENFELD, 1993, p.94) O entendimento do conceito de Pertencimento Clubístico, elucidado por Damo (1998) em sua dissertação de mestrado, é importante para tentarmos entender como se dá a relação entre torcedor e clube. Segundo esse autor, a expressão é uma forma de, pelo menos no caso brasileiro, compreender o vínculo identitário ligado ao futebol. O pertencimento clubístico amplia o entendimento de que o torcedor não apenas torce, vibra, gosta do seu time, ele também é um militante - não necessariamente está envolvido em algum grupo organizado ou até mesmo presente nos estádios - que extrapola suas emoções para além do jogo.

“Hoje, o meu personagem da semana é uma das potências do futebol brasileiro. Refiro-me ao torcedor. Parece um pobre-diabo, indefeso e desarmado. Ilusão. Na verdade, a torcida pode salvar ou liquidar um time. É o craque que lida com a bola e a chuta. Mas acreditem: — o torcedor está por trás, dispondo.”

Nelson Rodrigues

Em nível global, Wann e James (2019), destacam a importância de diferenciar fãs de esporte e espectadores de esporte. Os autores definem fãs de esporte como indivíduos interessados em seguir um esporte, time e um atleta específico, enquanto os espectadores de esporte são aqueles que ativamente presenciam um evento de esporte pessoalmente ou através de alguma mídia, como rádio, TV ou internet. Os autores descrevem uma abordagem de diferenciação de fãs baseado no nível de identificação a um time. Apesar de haver na literatura uma variedade de definições, um consenso é que a identificação a um time está associada a uma conexão psicológica entre o fã e o time.

Wann (2006) descreve as potenciais causas que levam alguém a se identificar com um time: causas associadas ao time em si, fatores psicológicos e razões ambientais. As razões associadas ao time se referem à história, tradição e sucesso do time, além da atratividade de seus jogadores. Causas ambientais podem ser associadas à socialização, a um time rival ou os jogos em um estádio específico, por exemplo. As razões psicológicas estão associadas ao indivíduo em si, incluindo a necessidade de se sentir parte de um grupo (THEODORAKIS et al., 2012).

Considerando que mesmo organizados as torcidas acabam por improvisar bastante, teorizemos ...

<i>Elemento Conceitual</i>	<i>Definição</i>	<i>Autores</i>
Competência provocativa	Envolve interromper padrões habituais, sair da zona de conforto, da faixa de possibilidades que se mostraram eficazes no passado para arriscar-se em improvisações frescas.	(BARRETT, 2002)
Tolerância a erros	Implica abraçar erros como fonte de aprendizagem, considerando que os erros são inevitáveis e podem ser, não só tolerados, mas também assimilados e incorporados à performance, uma atitude que pode ser sintetizada como a “estética da imperfeição”, isto é, tratar o erro não como ameaça, mas como oportunidade, como experimentos através dos quais as pessoas podem aprender.	(BARRETT, 2002; WEICK, 2002, p. 13)
Estruturas mínimas	Essa proposição considera que, nos processos organizacionais, os atores baseiam-se em algo quando se arriscam em improvisações – as estruturas mínimas, isto é, o conjunto de crenças, alicerces, regras gerais, normas que são observadas no ato de improvisação. No entanto, essas estruturas são minimalistas e servem não para restringir a ação, mas para permitir máxima flexibilização, exploração, experimentação, (re/des)construindo o conjunto de acordos e convenções.	(KAMOCHÉ; CUNHA, 2001; BARRETT, 2002; HATCH, 2002)
Distribuição de tarefas e negociação	Esse pressuposto considera que improvisadores estão em contínuo diálogo e intercâmbio com os outros atores, indicando e recebendo cursos de ação, isto é, num fluxo contínuo de atividades, estão ao mesmo tempo interpretando os jogos dos outros, antecipando padrões e convenções, enquanto simultaneamente tentam moldar suas próprias criações, tentando relacioná-las ao que ouviram/viram.	(BARRETT, 2002; FHASH; ANTONELLO, 2011b)

Tomada de sentido	Numa organização, as diferentes formas com que os atores criam sentido e significado são processadas de forma relevante na improvisação, pois são elas que trabalham na construção das informações e ressaltam indiretamente novas interpretações sobre a ação dos atores e suas consequências.	(WEICK, 1995, 1998; BARRETT, 2002; FLACH; ANTONELLO, 2011a)
Comunidades de Práticas	Saber como improvisar, bem como responder a improvisação de outros atores requer estender-se para fora, associando-se a comunidades de práticas, aprendendo quais são os códigos e acordos existentes entre os participantes, como reagir a eles, como comportar-se como um participante daquela prática.	(BARRETT, 2002)
Liderança rotativa	A prática do revezamento pode garantir padrões de reciprocidade e simetria, ou seja, o papel de liderado deve ser visto como tão ativo e influente quanto o de líder.	(BARRETT, 2002; CUNHA; CUNHA, KAMOCHÉ, 2002)
Bricolagem	Esse conceito é indissociável do fenômeno da improvisação, haja vista que, a ação improvisada é realizada com os recursos disponíveis no momento, pois o desempenho dos atores nessas ocasiões privilegia a ação em detrimento da reflexão, como resposta aos problemas/oportunidades que surgem.	(WEICK, 1998; CUNHA; CUNHA, 1998)
Recursos	Se a dimensão bricolagem da improvisação é indissociável dela, isso significa que os membros organizacionais devem não só conhecer quais são os recursos disponíveis, mas serem hábeis em trabalhar com eles e (re)combiná-los. Os recursos podem ser <i>materiais</i> (sistemas de informação, recursos financeiros, edifícios e todas as outras infraestruturas tangíveis); <i>cognitivos</i> (conjunto de modelos mentais que os membros individuais da organização carregam, sejam eles tácitos ou explícitos, adquiridos dentro ou fora da organização); <i>afetivos</i> (emoções e experiências, sentimento de transcendência e interconectividade emocional); e <i>sociais</i> (aqueles relacionados à estrutura social como relações formais e normas subentendidas e explícitas nos padrões de interação).	(CUNHA; CUNHA; KAMOCHÉ, 2002)

Em um artigo com pesquisadores capixabas e canadenses (Campus São Mateus UFES, Soares, Neves & Servare, 2019 -) - ATTENDANCE AND INCOME FROM CAPIXABAS FOOTBALL: CURRENT SCENARIO AND ALTERNATIVES - .os autores estabeleceram uma cadeia de valores em uma adaptação e estabeleceram alguns deles:

1. As emissoras de televisão compram direitos audiovisuais com o intuito de garantir certa audiência do público regional do Espírito Santo. Atualmente, alguns canais de Streaming pela Internet têm transmitidos jogos do Campeonato Capixaba, Copa Espírito Santo ou outros jogos com times capixabas em torneios nacionais ou regionais.
2. Os clubes capixabas em geral não ganham dinheiro. A diretoria dos clubes, na maioria dos casos, é composta por torcedores abnegados e apaixonados, seja pelo clube, seja pelo futebol. A natureza do negócio e a estrutura de propriedade e gestão é pouco profissional, fazendo com que muitos times sejam organizações sem fins lucrativos (Soriano, 2010).
3. Os patrocinadores e anunciantes buscam visibilidade regional ou têm apego pessoal ao clube que está sendo financiado.
4. Os organismos reguladores (ligas e federação) obtêm pouco benefício financeiro e alguns membros desses organismos possuem interesse de conseguir visibilidade para obter benefícios políticos ou eleitorais.
5. Os jogadores, em sua grande maioria, recebem salários baixos e distantes da realidade dos clubes das séries A e B do Campeonato Brasileiro. Os jogadores que se destacam são negociados nas categorias inferiores a profissional. Há ainda aquisição de jogadores que se destacaram em alguma fase de suas vidas em nível nacional ou internacional. Nesses casos, a contratação é financiada por uma ou mais empresas patrocinadoras, intermediadas pelo clube.

O aumento da renda e do público no futebol capixaba passa pela profissionalização das relações da Cadeia de Valor descrita. / Algumas pesquisas e dados interessantes foram apresentadas no trabalho >>>

Fatores que fariam os torcedores irem a mais jogos



Fonte – Autores, 2019.

Formas preferenciais de pagamento pelo ingresso



Fonte – Elaborado pelos autores, 2019.

Algumas hipóteses foram levantadas pelos pesquisadores para o baixo público dos jogos entre clubes capixabas:

- A falta de grandes resultados e prática de um futebol vistoso nos últimos anos capaz de provocar uma identificação nas gerações anteriores e, posteriormente, ser transpassada aos mais jovens e a falta de políticas de atração desse grupo mais jovem por parte da federação capixaba, clubes e também do próprio governo estadual.
- Embora exista uma mídia que divulga o futebol capixaba a maioria prioriza o futebol dos grandes clubes brasileiros e faz divulgação maciça destes numa falta de bairrismo raramente vista em outros estados da federação. Os jornais tradicionais dão páginas e páginas sobre o dia a dia de clubes cariocas e paulistas e raramente divulgam o futebol local. Por esse e outros motivos apenas 32% dos entrevistados na pesquisa dizem torcer para um clube do estado.

Passadão

Quando existia o Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais as pessoas abandonavam suas paixões clubísticas e se uniam em torno do "Scratch" Capixaba. Nunca vencemos a competição, mas apesar das dificuldades o coro sempre comeu. Mais pra frente outros relatos desses campeonatos e algumas histórias hilariantes como uma vez que nesse mesmo esquema o narrador, sem informações confiáveis passa para o povão que o ES vencia durante todo a partida e todo mundo animado - a seleção capixaba tomou uma virada e apenas ao fim ele dá a notícia. Quase apanhou. kkk



12 de outubro de 1927 - Espírito Santo 6 x 1 Paraíba - Estádio das Laranjeiras, Rio de Janeiro, RJ.

JAAA / Eu ia oferecer um doce de jaca para quem acertasse quanto ficou esse jogo, mas como ninguém ia acertar mesmo, já comi o doce, rrsrs

Fernando Achiamé

Os torcedores se reuniam na atual praça Costa Pereira porque ali ficava a sede em Vitória da The Western Telegraph Company - os principais lances da partida de futebol eram transmitidos via cabo submarino por telegramas, lidos para a multidão com ajuda de um megafone.

Pela imprensa ...

A revista paulista Realidade do mês de dezembro de 1972, sem mais detalhes na fonte, executou um levantamento de torcedores estado por estado, fez um "apanhado" raramente visto (nem mesmo na imprensa capixaba) e provavelmente baseado nela, passados mais de 50 anos ainda se afirma de mãos juntas que o Rio Branco tem 40% da torcida no estado. Nas ruas e bares isso pode ser verdade até hoje, mas aí já vai um corporativismozinho. kkkk - Vamos aos números

Rio Branco / 37 %

Desportiva / 15 %

Estrela do Norte / 11 %

Vitória / 4 %

Clubes de Colatina / 4 %

Cachoeiro / 3 %

Clubes de Linhares / 2 %

Santo Antônio / Caxias / e São Mateus - 1 % cada

Outros / 13 % e nenhum 7 %.

- 1) Flamengo (RJ): 31,54%
 2) Vasco (RJ): 21,40%
 3) Fluminense (RJ); 14,66%
 4) Atlético (MG): 9,79%
 5) Botafogo (RJ): 9,61%
 6) Cruzeiro (MG): 3,97%
 7) São Paulo (SP): 3,47%
 8) Palmeiras (SP): 2,05%
 9) Corinthians (SP): 1,80%
 Outros: 1,70%
- Entre os clubes de outros estados, os capixabas torcem:*
- Pesquisa AG 2017*
- Pesquisa por amostragem. Margem de erro de 4%*

Desde o início do futebol no Espírito Santo, o Rio Branco é o time mais popular do estado. Existem relatos de torcidas organizadas já na década de 1920. Pesquisas na década de 1980 apontavam que o clube tinha cerca de 40% da torcida do estado. Pesquisas mais recentes do Instituto Futura, mostram o Rio Branco na preferência do torcedor capixaba.

* Torcida Organizada Comando Alvinegro
 * Torcida Organizada Força 12
 * Torcida Organizada Bola Branca

Colhido num site de Portugal -2001 -sobre torcidas organizadas no ES. A Grenamor é citada.

Pesquisa Pluri Consultoria - 2020			
Percentual de preferência dos torcedores- ES. Margem de erro 3,8%			
Rio Branco	19,4	Nova Venécia	1,9
Desportiva	12,2	São Mateus	1,8
Serra	5,7	Alegrense	1
Vitória	5,2	Outros	6,7
Estrela	4,6	Nenhum	32
Vilavelhense	2,5	Não Sabe	2,4
Linhares	2,3	Não respondeu	2,3

Pesquisa mais recente, de 2024 também mostra fatos interessantes:

Como os capixabas assistem ao futebol? Para que time torcem? Uma pesquisa exclusiva da Futura Inteligência entrevistou capixabas nas cidades mais populosas do Estado para entender como o Espírito Santo consome o esporte mais popular do país. O estudo concluiu que, apesar dos times cariocas serem os preferidos dos capixabas, 80% da população gostaria de ver um time do Espírito Santo disputando campeonatos nacionais e mais da metade iria para fora torcer por um time do estado.

A pesquisa confirmou que o Rio Branco possui a maior torcida entre os clubes capixabas. Quando perguntados sobre os times de futebol capixabas de sua preferência, 9,2% preferem o Capa Preta e 6,2% apontaram a Desportiva, com Serra (2,3), Vitória (2,3) e Linhares (1,1%) na sequência. /// ENLEIO >> "Distúrdia", entrei numa farmácia com a camisa do Rio Branco e papo vai, papo vem com o atendente e lá pelas tantas pergunto. Qual o seu? ... e ele >>> Porto Vitória ... Boa escolha eu disse. Isso foi logo depois do Porto vencer a Taça ES 2024.

A pesquisa da Futura permite interpretar o potencial de apoio dos capixabas aos clubes em competições nacionais. Ela mostra que 79,5% dos entrevistados gostariam de ver um time do Espírito Santo disputando campeonatos nacionais, e mais da metade (50,5%) viajaria para fora do estado para assistir a um time local.

Os times capixabas que deveriam disputar campeonatos nacionais incluem Rio Branco (29%), Desportiva (16%), Vitória (14%), Linhares (7%), Serra (6%), Estrela do Norte (6%) e Real Noroeste (5%).

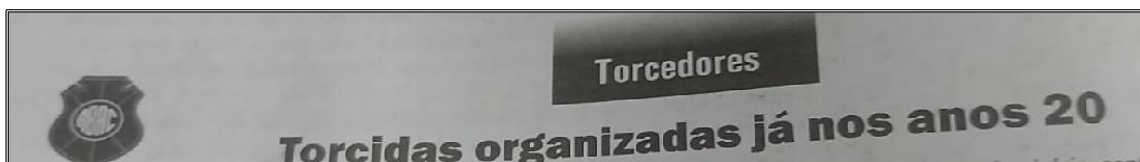
Existe outro trabalho capixaba {TORCIDAS ORGANIZADAS EM VITÓRIA: MODOS DE SOCIABILIDADE E RITUAIS, JBA / Dr. IMG (orientador)} mas contem tantos enganos na pesquisa da história no ES que não vale a pena apresentar. - O trabalho em si foi relativo a uma torcida apenas e constou de entrevistas com alguns membros... O que se salva em parte é um pequeno trecho na revisão bibliográfica e como se trata de um trabalho local vamos extrair apenas este ...

... Essa fase em que as torcidas uniformizadas surgiram é considerada por alguns autores uma fase romântica, pois esses torcedores iam aos estádios para incentivar o time e demonstrar amor e devoção pelo seu clube de coração, sem nenhuma cobrança mais forte por melhorias ou nenhuma tentativa de influência política nas decisões do clube (TOLEDO, 1996; LUCCAS, 1998). Posterior à fase romântica da uniformização de torcedores e da visibilidade dos torcedores-símbolo, que personalizavam e identificavam as torcidas, o surgimento das Torcidas Organizadas acompanhou algumas das mudanças ocorridas na época, impondo gradativamente outras formas de sociabilidade, de desfrute do futebol como lazer e hábito, fundamentando um outro modo de torcer diverso do comportamento usual observado (TOLEDO, 1996, p. 26). Toledo (1996) ainda ressalta que o termo "Uniformizada" é anterior ao termo "Organizada" e que, hoje em dia, as maiores torcidas preferem a denominação "Organizada" para destacar que existe uma dada organização além da mera uniformização. O Espírito Santo também passa por essa mudança, mas é só em 1975 que Manoel Rodrigues funda a torcida organizada "Bola Branca" (GOMES FILHO, 2002, p.59).

Engana-se a autora pois no próprio livro citado há um capítulo cujo título é "Torcidas Organizadas já nos anos 20". Se ela se referiu às organizadas modernas (grandes grupos com faixas, bandeiras, bateria e todo o apetrecho ela também (ou a fonte) se engana, pois, a primeira foi fundada em 1968 e a segunda em fins de 1973. Além disso, apesar de todo o carisma e paixão pelo clube do Nene, ele não foi o fundador da Bola Branca. Foi convidado no início e logo se destacou como líder ... depois daremos mais detalhes

É de fundamental importância nos determos brevemente na análise desta associação que se procura estabelecer entre a violência e as referidas torcidas. A adoção deste percurso justifica-se pela possibilidade de se pensar outras finalidades e modos de organizações das torcidas, que não o exclusivo objetivo da prática da violência. Pensar sua organização a partir deste objetivo único apenas concretiza uma linha de pensamento, e conseqüente posição política, que pretende excluir as torcidas organizadas do universo do futebol profissional. A violência é um fenômeno social mais amplo. Ela é, antes de tudo, um fenômeno próprio do tecido social e das relações humanas. É muito mais uma possibilidade inerente ao homem, enquanto parte de sua própria constituição, do que posse exclusiva de alguns grupos que, por este fato, se localizariam de forma diferenciada no tecido social: violência como mais uma das potencialidades presentes nas ações humanas (Luccas, 98).

"O fenômeno de desprezo ou ódio contra o exterior, que Freud chamará de 'narcisismo das pequenas diferenças' em O mal-estar na civilização, reforça a coesão do grupo e coloca-o em posição de guerra potencial contra os estrangeiros, percebidos como inimigos. Assim aparece o elemento que faltava à compreensão do vínculo afetivo que une os membros da organização. O amor não basta, é necessário que o ódio esteja presente, ódio componente da pulsão de morte em sua vertente de pulsão de destruição dirigida ao exterior. Uma organização para existir e durar precisa então construir inimigos. Inimigo exterior contra o qual o grupo fará a guerra, inimigo interior sob a forma do bode expiatório ou sob a forma de guerra civil aberta ou velada. Qualquer grupo só pode existir num campo generalizado de guerra. Assim fazendo, ele cria valores novos e consolida os laços de reciprocidade entre seus membros."

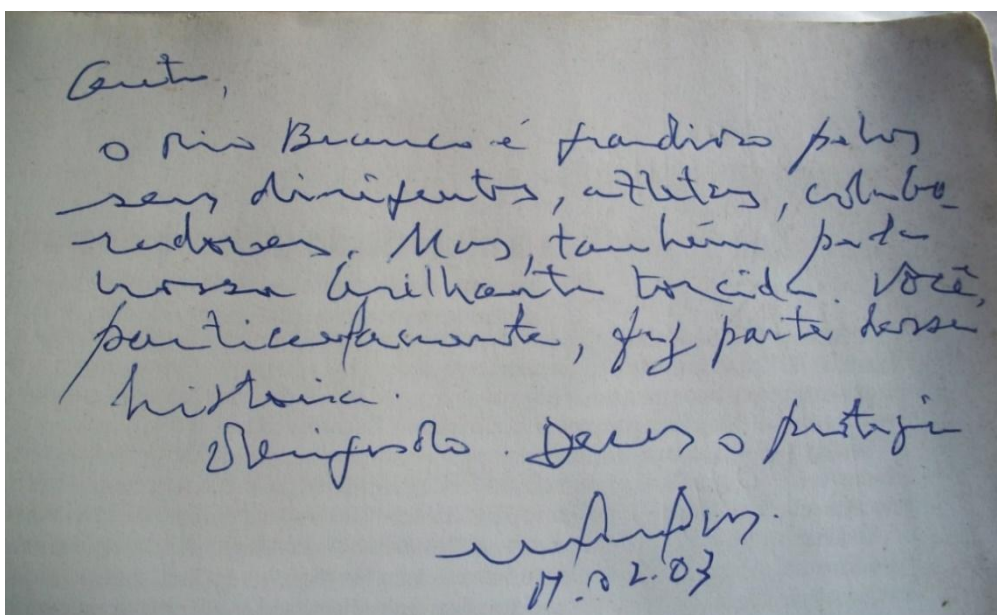


O livro citado na pesquisa capixaba é o "Rio Branco Atlético Clube, História e Conquistas (1913 a 1987) cuja autoria é do falecido jornalista Oscar Gomes Filho. Embora no próprio livro o autor cite o Professor César Fernandes como coautor e sua importância na elaboração do mesmo (página 9) eu não posso me calar diante dos fatos que não foram bem assim como ele relatou. Na realidade a divisão de tarefas o deixou mais com as estatísticas e a formatação, mas as histórias contadas nas entrevistas, e os textos principalmente foram elaborados pelo César o que fica muito claro pelo seu estilo narrativo. O livro ficou parado um tempo e quando retomado o Oscar fez do jeito dele. É macambúzia, mas foi assim. O César nunca reclamou de nada nem nunca reivindicou tal status, mas eu faço questão de estabelecer a veracidade dos fatos. Acho até que ele não vai gostar dessa revelação pois é um cara muito discreto e na dele e também aclaro que o Oscar deve ter tido seus motivos e não cabe julgar ninguém; inclusive no lançamento do livro ele fez uma dedicatória emocionante para mim. Era um cara muito bacana e companheiro de arquibancadas e bem sei o trabalhão que tiveram para resgatar a história do clube visitando antigos jogadores e dirigentes, vasculhando os jornais da época, costurando retalhos nas raras fontes sobre o nosso futebol. Quem sabia alguma coisa sobre o clube (alguns já bem idosos e fundadores em 1913) eles encontravam e "sorviam"



Autógrafos de algumas lendas do futebol capixaba como Jorge Reis, Paulo Pimenta, Edilson. Dirman, Adalberto Souza, etc (fiquei tão embasbacado que nem guardei os nomes e ainda deixei de pegar outros) no lançamento do livro no Hall do nosso antigo estádio Governador Bley. Neste dia um repórter de AG me pediu para tirar uma foto com uma bandeira grande que o Nenel tinha levado na arquibancada do velho estádio. Subi, fiz pose de desfraldador, ele deu uns cliques mas não saiu no jornal depois. Maledeto !!!!! kkkkk comprei o jornal uns 5 dias seguidos e nada, rsrs

Esses foram colhidos no Bar do Ceará em frente ao estádio numa mesa enorme com jogadores e torcedores> Bar tradicional (ele não é mais no local), cervejinha gelada e os pasteizinhos de Siri como não existe em nenhum lugar do planeta.



Entre a ideia do livro em 1981 e todo o trabalho (pesquisa em fontes diversas, transcrição de áudios e tudo o mais) até o lançamento (2002), houve um hiato de 11 anos, atrasos por diversos motivos, problemas políticos no clube pós administração do Edinho; Manoel Ferreira renunciou e alguns beneméritos não concordaram nem com ela e nem com o presidente Djalma de Sá votou na tchurma do Marcos Vicente.

Oscar era um intelectual, professor, como o César (que dava aulas de História), mas da disciplina de Matemática, a saber, no Polivalente de Itaparica; jornalista de A Tribuna, falava até francês e tocava Sax. Esportista, batia sua bolinha no Futebol de Salão

O Rio Branco foi fundado por garotos das classes estudantil e trabalhadora, e ao formar times fortes desde o início, contando com jogadores dos mais diversos níveis sociais, sem exclusão de negros, mulatos e operários de todas as profissões, caiu imediatamente no gosto popular. Assim, nas duas primeiras competições oficiais, o Torneio Início e o Campeonato da Cidade de 1917, mostrou que já tinha a maior torcida de Vitória. Uma legião de fãs que, rápido, ganhou corpo com o bicampeonato de 1918/1919.

Tomando dianteira também em meio aos populares, o clube passou a contar, já na década de 20, com torcidas barulhentas, calorosas, arrebatadoras. Era o que se passou a denominar, mais tarde, a torcida organizada, que tinha membros certos, permanentes, instrumentos musicais e de batucque, e que soltava foguetes antes, durante e após os jogos.

Os registros, que encontramos a respeito, são poucos, mas nos deram conta da existência de duas torcidas, que marcaram época, a partir de meados dos anos 20, ambas de Jucutuquara: a do torcedor Rubens Barbosa, conhecido com Rubicante Bacurau, e a do Manoel Donêncio. Devotando igual amor e paixão ao time capa preta, elas se distinguiam por um fato significante: a do Rubicante era integrada por garotos, como o chefe e organizador; a de Donêncio a era composta pelos mais velhos.

Entre os menores companheiros de Rubinho Bacurau, se destacavam entre outros, Rui Bandeira, que seria, mais tarde, jogador dos times de baixo e jornalista, e os irmãos Arildo e Ailton Lima. O primeiro se tornaria conhecido e respeitável professor em Vitória, e seria homenageado, mais tarde, com o título de Sócio Honorário do clube. Já Ailton atuaria pelo time principal algumas vezes. Foram, toda a vida, ardorosos torcedores, assim como a irmã, Djanira Lima, a Tia Deja.

Outros companheiros de Rubicante Bacurau foram Martin e Antonio, irmãos de Zemar Moreira Lima, e Zeco Greppe, irmão de dona Carmem, esposa de Alcy Simões. Quem igualmente agitava na torcida era Darly Simões, que, mais tarde, foi também jogador, e que era irmão do mais consagrado atleta do clube em todos os tempos.

A ala dos maiores, chefiada por Manoel Donêncio, comandou por muitos anos, a festa, primeiro, no Estádio de Zinco, depois, no "Governador Bley". Um fato marcante dessa facção de torcedores é que eles buscavam alguns jogadores em casa, transportando-os na boléia do caminhão do chefe, o senhor Donêncio. O mais requisitado, nesses casos, foi o goleiro Dias III, mulato forte, corajoso, ídolo do time nos primeiros anos da década de 30.

José Augusto Anjos Araujo
23 de dezembro de 2022

Um dia desses falamos do América e voltaremos mas nesse post anterior comentamos que o clube era muito popular. O América foi uma dissidência do RB e papou 6 títulos Estaduais e 4 Torneios Início.

Como eu não invento e nem aumento af está uma enquete de 1927 quando a equipe já tinha vencido 5 vezes o Citadino (seria campeão novamente em 28) que valia como título máximo no ES; o Rio Branco 4 e o Vitória e o Florianio 1 cada.

Em 1927 o jornal "Vida Capixaba" promoveu entre seu leitores, um concurso para se conhecer o clube mais querido do Espírito Santo. O título ficou com o AMÉRICA FUTEBOL CLUBE. Abaixo o resultado final desta votação:

	CLUBE	VOTOS
01ª	AMÉRICA	400
02ª	RIO BRANCO	349
03ª	VITÓRIA	242
04ª	SANTO ANTÔNIO	31
05ª	BANGU	16
06ª	SÃO BENTO	02

Apesar do forte apelo popular e da narrativa no livro, apenas na década de 30 com o hexacampeonato a torcida do Rio Branco disparou na preferência do torcedor capixaba e aqui cabe uma consideração interessante: o América tinha uma gafeira, a primeira da cidade de Vitória, o que certamente engrossava a torcida. Kkkkk

O Vitória sempre teve a 3ª torcida da cidade. Inicialmente com a situação descrita na ilustração. Nas décadas seguintes a 2ª torcida foi do Santo Antônio, que também ganhou 6 campeonatos e com a falência deste a Desportiva (a partir do início da década de 60) assumiu o posto.

A bem da verdade, só existem 3 clubes de massa no ES: o Rio Branco, a Desportiva e o Estrela. Os demais quando estão bem mobilizam suas cidades, como Linhares, Colatina ou São Mateus.

Diga-se também, que a torcida do Vitória FC cresceu muito nos últimos anos.

A rivalidade mesmo era com o Vitorinha, rsrs - torcedor nenhum gosta de perder mas eu prefiro perder pra Desportiva que perder pros azuis. Outro clube que eu não suporto é o Serra, mas isso é outra história

Polêmica

Uma polêmica envolvendo o árbitro da partida de 15 de julho, no empate entre América e Moscoso, interferiu na continuidade do Campeonato. José Fiel, que apitou o jogo, teria colocado no boletim enviado à Liga resultado diferente ao que ocorreria em campo, considerando o América vencedor pelo placar de 3 a 2. Nos tribunais, os dirigentes do América, apoiados por Rio Branco e Barroso, tentaram obter os dois pontos da vitória, mas a Liga em princípio optou por manter o resultado obtido em campo.

A decisão provocou um racha na Liga. Vitória e Moscoso solicitaram o seu desligamento. O Campeonato foi suspenso por vários dias e houve a renúncia do presidente da entidade. As equipes participantes mantinham-se ativas somente através de amistosos e jogos-treino. Nesse intervalo, novos clubes filiaram-se à Liga: São Cristóvão, Campos Salles, Tiradentes e Ypiranga, os quais ingressaram na recém-criada Segunda Divisão.

A competição principal só foi retomada no dia 19 de agosto, com a realização da última partida do primeiro turno. O campeonato prosseguiu sendo disputado por apenas três equipes. Os dissidentes Vitória e Moscoso fundariam, ainda em 1917, uma nova liga: a Confederação Espírito-santense de Sports Athleticos (CESSA), da qual também faziam parte os clubes Piratininga e Americano.

O Campeonato Capixaba de Futebol, conhecido popularmente como Capixabão, foi realizado pela primeira vez como Campeonato de Vitória em 1917 com clubes apenas da capital. A disputa, organizada pela Liga Sportiva Espírito Santense (LSES), teve cinco equipes: América, Barroso, Moscoso, Rio Branco e Victoria, atual Vitória Futebol Clube. O América sagrou-se campeão, vencendo o torneio em pontos corridos...

No Campeonato de Vitória de 1919, o clube Victoria, era tido, ainda em abril de 1919 como o legítimo campeão da competição, quando decidiu o título com o Rio Branco de forma controversa. O Vitória jogava pelo empate e a decisão terminou em 1 a 1. Mas o jogo foi anulado, por supostas irregularidades nos dois times. Em seguida, o Rio Branco venceu por 2 a 1, mas o Vitória recorreu. Já no ano seguinte, em 1920, a Liga Sportiva Espírito Santense, num voto de minerva do presidente, determinou a realização de novo jogo, vencido pelo Rio Branco: 3 a 1

O VITÓRIA TINHA FAMA DE INVICTO NA CIDADE – O PRIMEIRO VI RIO OFICIAL FOI EM 08/07/1917 COM VITÓRIA ALINEGRA POR 3 X 1. E EM 28 DE ABRIL DO ANO SEGUINTE NOVA VITÓRIA PELO MESMO PLACAR Diário da Manhã, que publicava atos oficiais na primeira página e a seguir acontecimentos sociais, sempre se referia ao Clube Vitória como "o Vitória Futebol Clube, o invicto glorioso". Mas o Rio Branco, de pessoas mais modestas, era mais popular. Embora perdesse para o Vitória, que reunia Nelson Monteiro, filho de Bernardino, e até um tenente do Exército que trazia uma escolta do 3º Batalhão para guarnecer o campo. Como vingança, o Rio Branco contratou Sanema, jogador carioca e, com ele, o time venceu. A torcida do Vitória reagiu cantando: "Ai, ai, meu pessoal, Sanema foi comprado pelo Rio Branco, um time avacalhado." A torcida ofendida respondeu: "Pessoal da nossa equipe deixa o nome na história, arrancando o invicto glorioso do Vitória." No remo aconteceu o mesmo: o Clube Álvares Cabral contratou o "Engole Garfo", campeão nacional de remo, do Rio Grande do Sul, para competir com Wilson Freitas, de dezessete anos, orgulho do Saldanha da Gama.

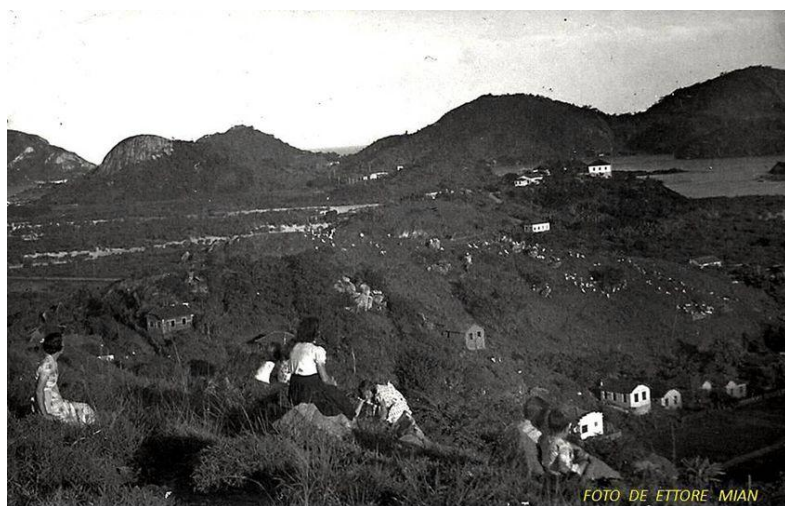
As encoragens com o football club Vitória começaram bem antes pela disputa das ainda crianças que criariam os clubes na década seguinte do Juventude e Vigor e do Moscoso, para um lugar onde praticar o esporte, mas isso é outra história...

Sobre aquele quadro ali em cima, o das torcidas – estou escrevendo "despues" com o livro pronto rs – eu me bati, como um cão danado atrás desse São Bento e naaaaadaaa / seria o time da Ladeira São Bento

O torcedor em geral tem certa antipatia por um clube ou outro mais por conta do comportamento de certas pessoas "do lado diverso". No caso do Serra, por exemplo, existem os verdadeiros torcedores, mas existem também os violentos que se organizam para agredir os visitantes como se ainda fosse um time de várzea. Afastam as famílias dos jogos.

MASCOTE / HISTÓRIA

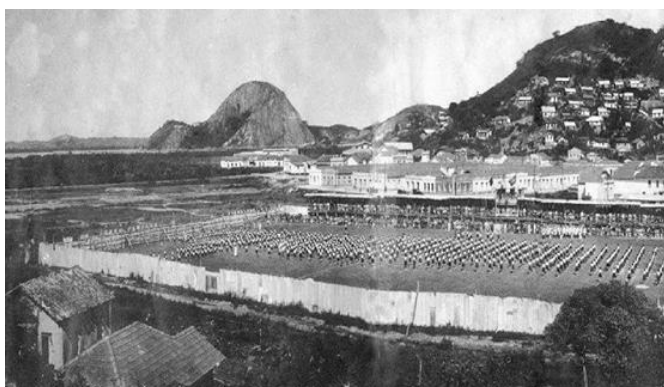
Lafayette Cardoso de Resende era um cidadão que tinha uma propriedade aos pés da montanha conhecida como **Moxuara** mais especificamente numa área rural chamado **Itapoca** no município de **Cariacica**, vizinho à capital do Espírito Santo. Eu fiz um estudo do caminho antigo que era percorrido nos anos de 1920 de sua fazenda até o bairro de **Jucutuquara em Vitória**; época na qual sua inusitada estampa e comportamento começaram a chamar a atenção do público no 1º Estádio de maior porte no estado: o saudoso Estádio de Zinco inaugurado em 1919. Pois bem, meu estudo mostrou que eram estradas precárias mais ou menos onde é uma rodovia hoje, a José Sete, mas era apenas um caminho entre algumas habitações e em vários trechos passando por dentro de outras propriedades até chegar em Itacibá e daí rumava para a região de São Torquato até a ponte Florentino Avidos em Vitória num total de 22 quilômetros. Daí pra frente (já era pavimentado) até o estádio mais uns 6 quilômetros. Ou seja, um total na época de 28 quilômetros que com a urbanização se reduziu nos dias de hoje para uns 19 quilômetros. Ele fazia o trajeto cavalgando e evidentemente exposto às chuvas e pior, à lama produzida e ao poeirão nos dias de sol. Para se proteger usava uma capa de cor preta e não desgrudava dela.



Esse pormenor que eu chamei de estampa era ampliada para outros fatores: não entrava no estádio e assistia ao jogo do alto do morro (na direção da trave esquerda) onde chegava sem apelar do cavalo, não conversava com ninguém e vemos na foto ilustrativa que muitas pessoas viam o jogo lá de cima. No canto inferior direito da foto aparecem os limites do campo. Para coroar, em alguns gols ou vitórias importantes ele pegava o revólver e dava uns tirinhos pra cima. Kkkkkk, o que o levou a ser **um dos raros exemplos no mundo de uma pessoa específica se tornar símbolo de um clube**.

Sua presença era motivo de curiosidade e de dentro do estádio nas preliminares havia o burburinho e ansiedade: será que o cavaleiro da capa preta vem hoje? Segundo relatos da época as pessoas, entre torcedores anônimos e ilustres dos primeiros tempos ficavam olhando pra cima se ele se atrasasse. Assim surgem os pagãos "amuletos" **rsrs**

Em 1917 (América campeão) e 1918 (Rio Branco) os campeonatos eram decididos no campo de Paul (um bairro de Vila Velha), o Vitória mandava alguns jogos em seu campo (chamado de Stand que era apenas cercado e tinha uma fileira de assentos de madeira) e outros jogos eram realizados no campo de um clube chamado Campos Sales onde é hoje o centro de Vila Velha, o primeiro bem gramado e oficial. Mas eram apenas campos e não um estádio que concentrasse



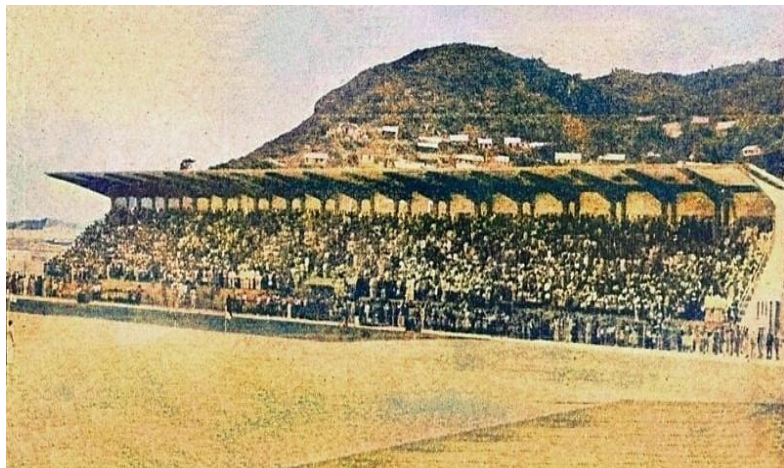
muitas pessoas. Não sabemos se o Sr. Lafayette acompanhou as primeiras disputas, mas os relatos são de que ele foi um dos primeiros a demonstrar sua paixão pelo clube, a seu modo é claro, mas convenhamos, era meio inusitado. Essa foto ao lado é a única conhecida do antigo estádio que foi demolido para a construção do Governador Bley, no mesmo local, de cimento armado e o mais moderno e 3º em capacidade no Brasil inaugurado em 1936. Também assistiu jogos lá; do mesmo local. Sem descer do cavalo e sem conversar com ninguém. **rsrsrs**

Quem deu alguns poucos detalhes sobre o Sr. Lafayette foi seu primo Vespasiano Meirelles que jogou como atacante entre 1927 e 1931 (nas súmulas era o Parafuso, bicampeão em 1929 e 1930). Assinalou o local onde ele morava e confirmou que ele embora influente e respeitado em Cariacica costumava entrar mudo e sair calado. Kkkk - Nos jogos do time, ao apito final saía em disparada para sua fazenda. Sua influência na história do clube pode ser até maior do que se imagina pois é irmão da mãe de um dos beneméritos e várias vezes presidente do clube, o saudoso Manoel Ferreira. Seu filho, Valderedo, egresso do Centenário da Praia do Canto (clube extinto) pertencia ao plantel do Rio Branco entre 1940 e 1943 jogando algumas partidas e sendo titular na conquista do Torneio Início de 1942. Não chegou a jogar no título de 1940, mas jogou 4 partidas no título de 42. Era zagueiro de área numa época complicada pois as equipes jogavam no esquema 2 x 3 x 5, ou seja, na hora de se defender" tinha que encarar cinco atacantes, rsrs. Enfim, esse símbolo de admiração e fidelidade se tornou mais que uma mascote (sim, a palavra é feminina), se tornou um emblema qualitativo tanto dos torcedores e admiradores quanto da própria agremiação. Abaixo outras mascotes de clubes capixabas.



MARCAÇÃO RIO BRANCO, NÃO BRINCA, NÃO BRINCA !

O saudoso Manoel Donêncio, torcedor símbolo do clube foi uma das poucas pessoas que perpassaram os três estádios da história do Rio Branco: o Zinco, o Bley e o Kléber Andrade. Esse grito de guerra acima revelava a todos, torcedores, imprensa e mesmo os jogadores de sua presença nos estádios. Não era um simples grito e sua voz se encaixaria entre todos os adjetivos cabíveis e semelhantes à palavra estridente, como penetrante, ressonante, estrondoso ou vibrante e em alto e bom volume. KKKKKK



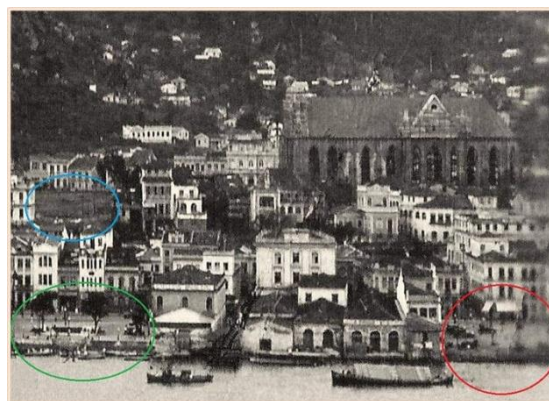
Governador Bley em 1936 Localização bairro Jucutuquara – Vitória-ES

Esse grito ecoou pelos estádios capixabas de meados da década de 20 até 1987 e seu entusiasmo contagiou uma legião de admiradores tornando-o querido e respeitado pelos rio-branquenses. Já tinha em 1928 uma torcida organizada (barulhenta, mas ordeira, como ele dizia) com os amigos. Ele que nasceu em 4 de fevereiro de 1900 era menino quando conheceu os também adolescentes fundadores do clube, na época ainda conhecido como Juventude e Vigor. Isso ainda no Estádio de Zinco.

Um fato muito interessante é que embora conhecido por todos como Manoel Donêncio este era seu apelido pois o nome era do seu pai. Ele adotou a "alcunha" também como homenagem ao pai, mas verdadeiramente porque seu nome real causava constrangimentos, para dizer o mínimo.

Corte rápido >>> há alguns anos estava eu a conversar com meu amigo Renan Barcelos e o papo foi para o jogo de botões e eu falei: lembra do Bolinha?, surfista, ele também joga etc. e tal e começamos a falar dele (João Carlos Orlandi Pinto) e em certo momento eu lembrei que ele era neto do Manoel Donêncio, conhecido em toda a cidade e revelei o seu nome: Manoel Pinto das Virgens - aquilo caiu como uma bomba nos ouvidos do Renan que disse: PQP kkkk / em meados dos anos 70 minha mãe chega em casa com uma história que ninguém acreditou e foi motivo de piadas. / ... disse que estava na sala de espera de um consultório e a enfermeira chegou e disse em alto e bom som >>> **Sr. Manoel Pinto das Virgens ...** levantou um senhor de chapéu com um sorriso sacana e seguiu a enfermeira - kkkkkk <<< pois eu falei: *pega aí o telefone e liga pra ela pedindo desculpas.* KKKKK

Um pouco de história >>> a família Pinto (como os Pinto Ribeiro - O Capitão-mor Sr. Manoel, ancestral dos "Monjardim" e dos "Azambuja - e os "Pinto Homem de Azevedo", cuja descendência gerou ainda no Século XVIII o Sr. Manoel Pinto Ribeiro Pereira de Sampaio (1783-1857), primeiro e único capixaba a presidir o STF - na época, Supremo Tribunal de Justiça), portuguesa com certeza, sempre teve alguma influência no Espírito Santo mas o Seu Manoel teve que trabalhar duro desde cedo para sustentar a prole.



Como o livro vai ser em P&B trata-se do Círculo da direita

O Manoel Donêncio pai, era leiloeiro no local destacado em vermelho na foto acima. Chegou a ser notícia em jornais da capital em 1910 por ter fisgado um Mero gigante que teve que ser rebocado por uma lancha. Essa reportagem foi feita por A Gazeta numa retrospectiva sobre Vitória antiga e um recorte de jornal me foi dado por um amigo, neto do Pinto das Virgens que disse que o leiloeiro também participava ativamente das festas da quermesse da igreja católica todos os anos.

Fui juntando as informações que tinha e em outra página do Facebook que eu criei (Espírito Santo Registros Históricos) deu para entender melhor o contexto ... tudo começou com a foto acima e uma indagação de minha parte:

Uma amiga de longa data, a **Alice Hubner**, postou uma foto de Vitória dos anos 20, portanto secular, e no texto destaca a área que marquei em azul, na cidade alta, onde seria depois construído o Hospital dos Funcionários Públicos e abaixo (marquei em verde) o local onde é hoje a Praça Oito, que na época era o Cais Grande, onde aportavam as embarcações e depois foi chamado de Cais da Alfândega. Além da imponência da Catedral (cuja construção tinha se iniciado há poucos anos) diante da cidade ainda sem os prédios construídos nas décadas seguintes e que a engoliram, outra coisa me chamou a atenção e a marquei em vermelho. >>> Por essa perspectiva, da foto, existia uma área de igual tamanho à da antiga Praça da Independência, muito próxima ao cais principal. Seria um cais secundário? Não vou pesquisar por dois motivos, rrsrsrs: primeiro que curioso, não lembro de ter visto ou lido nada sobre a região marcada em vermelho, e segundo porque sei que tem gente no grupo que sabe. Parecia, pela foto, tratar-se de um lugar bem movimentado.

E aí, alguém se habilita ?????

Fernando Achiamé / No local assinalado em vermelho funcionou durante muitos anos o Mercado Velho de Vitória, demolido depois da inauguração do Mercado da Capixaba em meados da década de 1920.

No mesmo lugar foi construída uma praça (não sei o seu nome oficial), chamada de Praça das Salsichas pelo povo (segundo flmo flton), devido ao comprimento e formato dos seus bancos.

Logo depois da vitória da Revolução de 1930, o logradouro teve seu nome trocado para Praça João Pessoa.

Em 1935-36 naquele espaço foi construída a nova sede dos Correios.

Essa foto deve ser do final dos anos 20 ou início dos anos 30.

Um abraço José Augusto dos Anjos Araujo.

Gerson França / O mestre Fernando Achiamé já discorreu sobre essa "claro" na orla. Aproveito para complementar: antes da construção do mercado velho (à época, novo rrsrs!), nesse pedaço funcionava a Banca do Peixe (ou do Pescado). Ali era comercializado e tributado todo peixe que abastecia Vitória, desde tempos imemoriais. Era de interesse dos Capitães-mores regular esse comércio, pois a redizima do pescado era usada para pagar os proventos do mesmo. Ali também, antes do aterro, foi o principal atracadouro da Vila de Victoria. Era ao lado da antiga "Pedra", também chamada de "Lage", que ficava ao pé da colina. Nessa pedra foi edificado o primeiro forte dentro da Vila, na segunda metade do século XVIII, chamado oficialmente de Nossa Senhora do Carmo. Ali em cima, também, começava a Ladeira da Matriz, que era uma das vias que ligava a parte alta até a chamada "praia da vila".

Sensacional !!!!! Fernando Achiamé e Gerson França são dois dos mais renomados historiadores do Estado

José Augusto Anjos Araujo / Eu tinha confiança de que nossos membros dariam mais detalhes o que me enche de confiança com a página que criamos exatamente com essa intenção: uma complementaridade de conhecimentos. Obrigado Mestres! Nessa venda do peixe citada um camarada notável era o Sr. Manoel Donêncio, citado pela imprensa em 1918 como tendo fígado um Mero gigante que teve que ser rebocado por uma lancha (do Antenor Guimarães). Esse Manoel Donêncio era um dos leiloeiros da região e é pai do Manoel Pinto da Virgens, conhecido em toda a cidade como emérito torcedor do Rio Branco nas décadas seguintes. Herdou o apelido do pai por motivos óbvios. Seu nome era muito, digamos .. curioso. Kkkkkkkk Manoel Pinto das Virgens. Ele tinha um bordão que os jogadores ouviam dentro de campo mesmo com o estádio cheio >>>> Marcaçããã Ribrancooo (sim, ele comia um "o") - Nãããoo Brinncaaaaa ! - rrsrsrs - eu cheguei a viajar com ele em jogs no interior e sou amigo dos filhos, netos e bisnetos.

Descascando o Pinto

Manoel Donêncio - figura inesquecível que fez parte da história de Vitória - Teve uma profunda ligação com o mar bem como seu pai, o velho Donêncio que fez notícia em 1918, quando era leiloeiro-mór das festas de São Benedito, ao fregar um Mero de mais de 300 quilos que foi rebocado pela lancha "Oscarina" de antenor Guimarães

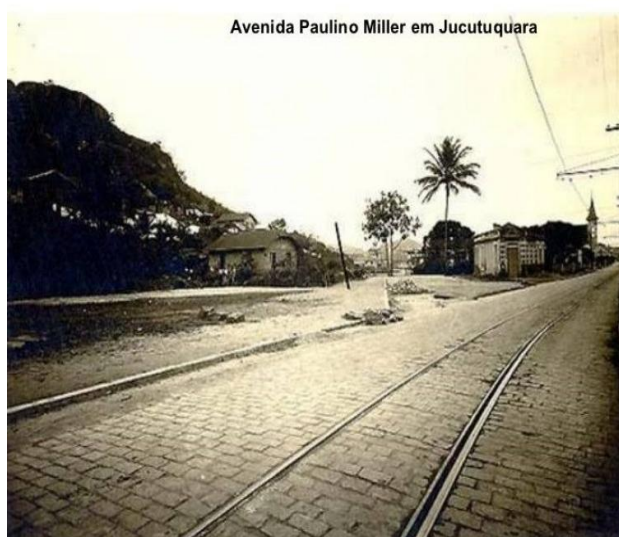


A Ilha da Fumaça era propriedade da família Guimarães. Nela existiam trapiches onde se armazenavam combustíveis, como: gasolina, óleos lubrificantes, querosene (o famoso Jacaré). Até hoje existe a ponte que servia de embarque e que serve hoje como atracadouro de uma firma de rebocadores que atracam navios no porto de Vitória e demais portos do Estado. O combustível chegava através de navios, em sua maioria, procedentes aos Estados Unidos e exportado para o Brasil pelas firmas Texaco, Anglo-mexican, Shell e Esso. Depois de depositado na Ilha da Fumaça, era remetido para os revendedores de Vitória, para outras partes do Espírito Santo e para o Estado de Minas Gerais. Primeiramente, ali residiu o Sr. Manoel Pinto das Virgens, o nosso inesquecível "Manoel Donêncio", que adotara este cognome devido a frase que seu verdadeiro nome formava. Seu Manoel, fazia o transporte em grandes canoas até ao píer dos armazéns da firma Antenor Guimarães, depois tomando o destino de compra.

Num artigo sobre a história da cidade no Site "Morro do Moreno" (fonte também do 2º parágrafo anterior – por Délio Grijó), o historiador Elmo Elton num texto sobre uma divisão histórica que havia entre os devotos de São Benedito - Caramurus e Peroás, que muitas vezes terminava em briga, cita que Donêncio Pinto da Virgens era da turma dos Peroás, mas não fica claro se era o pai ou o filho. Creio que o pai. /// Achiamé conta que essas facções, Peroás de cores azuis e Caramurus, verdes realmente dividiam a cidade desde 1833. Eu diria do alto de meus devaneios que foi um esboço dos torcedores do futebol pois as irmandades tinham até suas bandas - escolha um lado, kk - passando nesse ínterim pela rivalidade esportiva propriamente dita no remo entre o Álvares e o Saldanha.

Foram, ainda, peroás famosos: Zé do Barão, também chamado Zé Guizô, tocador de bumbo da banda do Rosário; Donêncio Pinto das Virgens, leiloeiro de prendas, e Antônio Mota, mais conhecido por Macota, este o idealizador e executor do roubo da imagem. Mas essa é outra história, rrsrs

#####



Jucutuquara / bairro de classe média, onde famílias tradicionais de Vitória moravam, e moram até hoje algumas delas, como: a dos irmãos Aildo, Aylton e **Djanira Lima**, essa uma das maiores cozinheiras do Estado; Copollilo, do saudoso Alfredo; Calazans; Grijó, dos meus saudosos tios Francisco (Chico) e Emília Gifoni, sua esposa, e meus primos Francisco Amálio Grijó Neto, o Grijozinho, Maria Amália e Maria Emília; família Quejock; Carvalhinho, dos amigos Enildo, Turquinho Dodoca, Dinga e Janete; **os Fontana**, de Goli, Alaor, "Isola", Itamar; e os Monjardim. O bairro ganhou notoriedade depois da construção do **Estádio Governador Bley**, na década de 40, (na verdade 1936 – grifo meu) quando era interventor o Major João Punaro Bley, sendo responsável pela magnífica obra da época o construtor Camilo Gianordoli, que era membro da diretoria do **Rio Branco Futebol Clube**, proprietário do Estádio.

Bondes >>> Existia uma linha que adotava esse nome de Cruzamento, era uma que partia da Costa Pereira (que já foi chamada de Independência e Sete de Setembro) e entrava no bairro de Jucutuquara, fazendo ponto final defronte ao bar do mais conhecido morador e torcedor do Rio Branco, que era o Sr. **Manoel Pinto das Virgens**, o querido e saudoso Manoel Donêncio, que ficava nas proximidades dos Fradinhos.



Zira De Oliveira Oliveira / Conheci essa família, moravam no final da linha do bonde. Saudades dessa época.

José Augusto Anjos Araujo / Zira De Oliveira Oliveira Sim. Exatamente.

Dulce Regina Vieira Rabello / Tio Manoel Donencio era Deus no Céu e o Rio Branco na Terra! O filho Manoelzinho também torcedor...

José Augusto Anjos Araujo / Sim. Ele, os filhos, netos e bisnetos. Conheço toda a escadinha.

Márcia Monjardim / Eu!!!! Conheci todos eles! Moravam perto da minha casa.

Magaly Guimarães Lucas / Ele gritava: marcação Rio Branco. Era criança, mas lembro muito

Francisco Di Paulo / Morei na mesma casa que morou Sr. Manoel, Av. Paulino Muller 1404

Lia Simões / Conheci muito. O bonde Praça Costa Pereira x Jucutuquara fazia ponto final em frente a casa dele. Conheci muito Dona Vivi, as filhas, toda a família. Gente especial. Fizeram parte de minha infância.

Cassia Maia Bordados / Lia Simões Diva também filha de Sr. Manoel

Marco Antonio Soares Calazans / Conheci Seu Manoel, dona Vivi, Diva, Tucada e toda família. Eram vizinhos de meus avós paternos no final de Jucutuquara. Lembro-me dos gritos de Seu Manoel no Estádio Governador Bley: Marcação no jogo Rio Branco...

Aloisio Medeiros / Eu conheci, era muito amigo do meu pai, mesmo torcendo por times diferentes....

Lia Simões / Tinha também Dalva e mais. Toda vez que ia pegar o bonde ficava aguardando e bate papo com elas. Tempo bom.

Fabrizio Leandro / Comprei muito pão na padaria dele Dulce Regina Vieira Rabello / Tio Manoel Donencio, passava muitos dias lá, era ótimo, passeava com as meninas....

Cassia Maia Bordados / Dulce Regina Vieira Rabello minha mãe sempre conta dos bailes de carnaval de Sr. Manoel

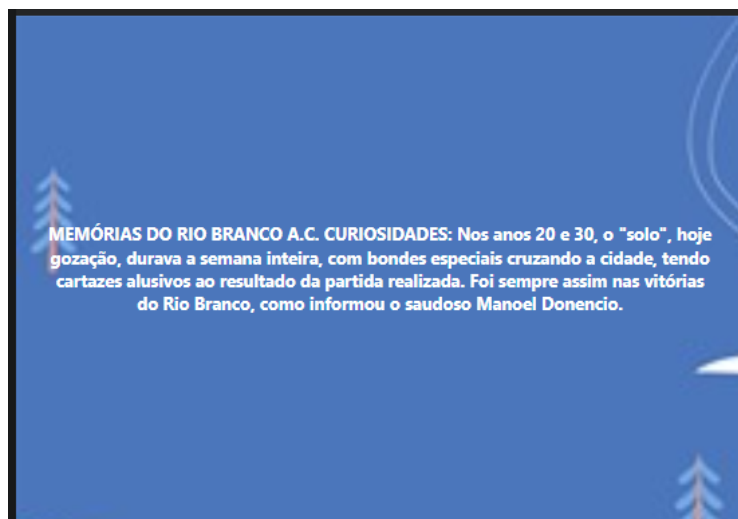
Sonia Noronha / Euuuuuuuuuu.... recordações lindas, muito querido!

Carlos Antonio Alves Dos Santos / Seu Manoel amante do futebol. Deixou saudades para nós do Bairro República.

Rosalvo Marcos Trazzi / Marcaçãoãããããoo RIBRANCO! (engolia o O).

José Augusto Anjos Araujo / É VERDADE, KKKKKKKKKkkkk

José Augusto Anjos Araujo / 17 de outubro de 2020



Essa é do Balacobaco. Foto totalmente inédita do Manoel Donencio (de chapéu) entregando a taça de campeão capixaba de 1975 ao capitão Wilson Ferreira. Fdinho Bourguignon e Kléber Andrade também aparecem na foto. Consegui com seu neto João Carlos Orlandi Pinto.

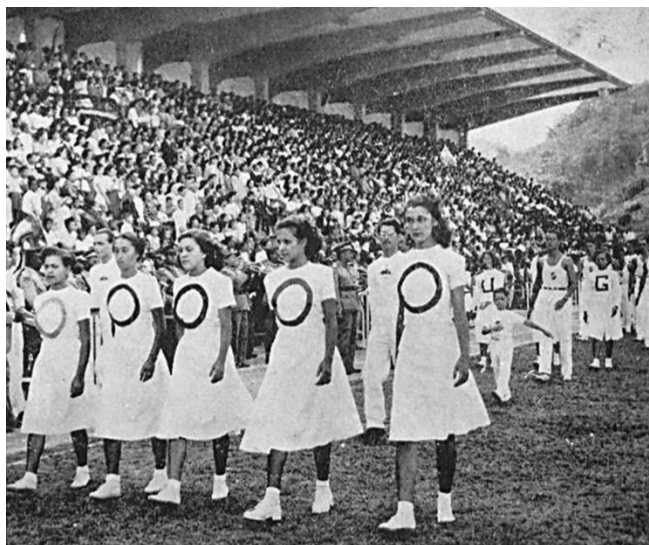


Sabemos por relatos do ex-presidente Guilherme Abaurre que em que pese seus antepassados o Sr. Manoel era de origem humilde e começou a trabalhar desde a adolescência e que desde cedo começou a torcer pelo time de Paixão. Gilberto Paixão do Nascimento foi o primeiro craque e ídolo do clube até os anos 30, titular absoluto de todas as Seleções Capixabas do período, outro ídolo era o Doca, filho do Vovô Moisés. Voltando ao Parafuso (o futebol também se faz com ídolos): **"fui para o clube em 1925 e daí nunca mais saí"**. Com um sorriso contagiante apesar das agruras que passou por ser militante político, tendo sido preso e torturado algumas vezes. Se preso era buscado na cadeia por dirigentes influentes do clube para defender o time Capa Preta. Os três depois de pararem com o futebol foram dirigentes a torcedores enquanto viveram. **Paixão** foi um dos responsáveis pela troca das cores do clube, de verde e amarelo para preto e branco. Reza a lenda que em

uma de suas idas ao RJ trouxe uma revista colorida mostrando o uniforme da Juventus de Turim, expondo que o preto e branco caiam muito bem e lembrava a camisa do Sul América (na época Gynasio Espirito Santense e depois Colégio Estadual) um time de escolares que rivalizava com o XV de Novembro (Escola Parochial e depois Escola Normal) e que junto com o Rui Barbosa foram os primeiros a praticar o esporte (com bolas improvisadas) em Vitória após 1906 de quando existem os primeiros relatos - *Álvaro José Silva em Esporte Memória - Secretaria Municipal de Esporte, 2005. As primeiras bolas "de verdade" vinham do Rio de Janeiro trazidas por estudantes, mas não se sabe ao certo quem as trouxe primeiro, o certo é que os garotos do Football Club Victória já tinham as bolas oficiais do campeonato carioca em 1912. O Rio Branco foi fundado em 1913 e tinha entre seus fundadores, amigos ligados ao Botafogo na pessoa do Lulú Rocha (Luiz Martins da Rocha ex-jogador do clube carioca, capitão e campeão em 1910 e 1912), ele e o irmão Pedro Martins (1º presidente da Liga) depois de pararem com o futebol vieram trabalhar em Vitória em uma firma de navegação e eram irmãos do folclórico e mítico Carlito Rocha presidente do Botafogo (1948~1951) e Lulú foi o 1º técnico do clube(1917) e treinou Claudio Dumas, Eduardo Andrade e Silva, China, Guilherme Abaurre e outros na época que pouco se sabia sobre como o esporte realmente funcionava.*

Voltando ao Ponto, ou melhor, ao Pinto ...

Já residindo em Jucutuquara e com filhos, Seu Manoel tinha um "caminhão de frete" na época de construção do estádio Governador Bley, finalizado em 1936 exatamente no local do antigo Estádio de Zinco. Na época era o 3º maior do país e mais moderno que os do Fluminense e Vasco, pois em concreto armado e sem colunas. Foi muito valiosa colaboração dele em todas as fases da obra: transportou muita terra, areia, brita, enfim, todo tipo de material de construção. Embora o frete fosse sua fonte de renda ele procurava as horas de pouco serviço na praça para levar e descarregar os materiais na obra e nunca cobrava o frete. Em dias de muito movimento e necessidades urgentes o clube pagava apenas o combustível coisa que nem acontecia



se ele tivesse, ao fim dos fretes normais, retornando com o caminhão vazio para Jucutuquara. Nessa época apenas o Comércio e o Porto ativavam a economia da cidade. Abaurre lembra que ele fazia os transportes sorridente e alegre por estar ajudando o clube de coração. Por essas e por muitas outras ele se tornou um símbolo da torcida capixaba.

Veza por outra era citado na imprensa por seus eventos e peculiaridades. Cinco de fevereiro de 1939 >>> *"Fez anos ontem o conhecido desportista Manoel Donêncio, o torcedor nº 1 do Rio Branco. Donêncio que é estimadíssimo em nossos círculos esportivos, teve, ontem oportunidade de receber inúmeros cumprimentos e homenagens. A Gazeta, cumprimenta-o prazerosamente"*.

Tempos depois o mesmo periódico anunciava que Manoel Donêncio daria o grito de largada da Corrida da Fogueira. Ele era o mais popular torcedor de Vitória, que o digam mesmo os adversários, mormente os torcedores do rival Vitória FC. Dizem as más línguas que seu local predileto era a Praça Oito onde a cada rival que passava após os triunfos do alvinegro e ele reconhecia vinha sua voz acentuada: Rio Brancoooooo! Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk (Oscar GF, 2002).